

# **Conversa Infinita**

**Entrevistas sobre psicanálise**

**Mariano Horenstein**



# Conversa Infinita

Entrevistas sobre psicanálise

**Mariano Horenstein**

TRADUÇÃO **Julián Fuks**



quina



*Para Martha, minha mãe, por tudo*



# Sumário

## *Introdução*

De perto, ninguém é normal	9
----------------------------	---

## Conversa Infinita

Marina Abramović	21
Paul Auster e Siri Hustvedt	35
Alain Badiou	59
Sergio Blanco	73
Sophie Calle	91
Javier Cercas	105
David Cronenberg	123
Georges Didi-Huberman	141
Jorge Drexler	155
Peter Eisenman	169
Andrea Fraser	181
Luis González Palma	197
Anish Kapoor	215

Julia Kristeva	231
Hanif Kureishi	243
Daniel Libeskind	259
Caetano Veloso	275
Juan Villoro	293
Slavoj Žižek	307
<i>Epílogo</i>	
Uma nota de rodapé (junto com J. M. Coetzee)	325
<i>Posfácio para a edição em português</i>	
Mais uma língua	335
<i>Agradecimentos</i>	345

# Introdução

## De perto, ninguém é normal

“Tenho a sensação de que isto já é o  
começo da entrevista, estou errado?  
A nova forma de arte. A arte da entrevista”.

David Cronenberg, *Consumidos*

Um psicanalista escuta coisas que muitos gostariam de escutar. É verdade que também escuta o que ninguém deseja escutar, mas esse é outro assunto. Uma consulta analítica favorece um tipo particular de confissão, laica, onde quem fala rastreia aquilo que diz como um cão de caça, onde quem fala se escuta – graças à escuta do analista – como nunca tinha feito antes.

O que vale para o indivíduo comum, vale mais ainda para os que têm um perfil público. Artistas plásticos e escritores, intelectuais e cantores, atores e diretores de cinema, arquitetos e cientistas de renome, até mesmo políticos, também comparecem às consultas dos psicanalistas. Um analista está sempre obrigado ao sigilo, mas, quando é consultado por aqueles que têm algum grau de celebridade, sua obrigação aumenta. Se quem compareceu a uma consulta não fugiu depois do primeiro encontro, se ficou ali para falar de suas dores e inquietudes, é porque, de algum modo, esse analista foi capaz de acolhê-lo, escutando-o mais além do personagem público que é.

Um verdadeiro analista, alguém que honre a ética de seu trabalho cotidiano, está proibido de falar do que escuta. Na contramão do que costuma acontecer em outras profissões, está proibido até de dizer quem se consulta com ele. Enquanto outros profissionais constroem sua imagem pública a partir do prestígio de sua carteira de clientes, o psicanalista guarda silêncio. Os que se analisam, no entanto, famosos ou não, estão eximidos dessa obrigação e podem falar o que lhes dê na telha. Por essa razão, foi a eles que resolvi perguntar sobre a psicanálise, sobre eles mesmos estendidos nos divãs, sobre como o que acontece nesse laboratório íntimo de palavras e emoções afetou seu trabalho, suas peripécias vitais, como a experiência freudiana influenciou a obra que apreciamos.

Sabemos que uma análise bem conduzida, praticada com uma pessoa que saiba aproveitá-la, tem consequências. Os testemunhos disso, antigos ou atuais, são muitos. Ainda assim, esses testemunhos são uma amostra pequena da força com que a experiência de colocar-se em jogo traz para aquilo que essa pessoa produz.

Não aparecem neste livro os nomes dos analistas daqueles que entrevistei. Em geral, não lhes perguntei e, quando por acaso em alguma conversa eles apareciam, preferi ignorá-los. Gosto de pensar que analisar personagens célebres não contagia com celebridade, e acredito que parte da arte de ajudar alguém oprimido pelo caráter público de sua vida, numa prática íntima como poucas, é saber se colocar num segundo plano. Saber desaparecer, converter-se apenas num ouvinte, num camareiro, num secretário que toma notas do relato de vidas às vezes lendárias.

Foi isso que tentei fazer aqui, desaparecer ainda mais do que os psicanalistas costumamos fazer, renunciar a qualquer veleidade narcisista, à tentação do fã ou do caçador de autógrafos, e reduzir minha presença para facilitar que algo novo

possa ser dito. E que se faça do modo mais íntimo e fiel possível à experiência.

Estas entrevistas pertencem a um projeto em que rastreei testemunhos por meio mundo: de Buenos Aires a Nova York, de Córdoba a Nova Délhi, de Londres a Paris, de Madrid a Berlim, de Teerã a Liubliana, do Rio de Janeiro a Trieste. Escutei-os em mais línguas do que conheço: em espanhol e inglês, em francês ou português, em hebraico ou italiano. Me encontrei com meus excepcionais informantes em bares e restaurantes, em museus, ateliês ou escritórios, em editoras ou hotéis; em geral nos lugares onde vivem, sonham ou trabalham, ali onde a rotina pública se dilui e cada um aparece desprovido de adornos e disfarces de ocasião. Dispus, assim, um consultório analítico de campanha em muitas cidades, que propiciou um encontro que nem sempre – é justo dizer – aconteceu. Mas basta que aconteça em algumas ocasiões para saber quanto valeu a pena.

Com a maioria dos entrevistados me encontrei pessoalmente; alguns fui buscar muito longe, sem os encontrar. As entrevistas foram combinadas com antecedência graças a um intercâmbio febril de chamadas, mensagens de texto e e-mails, e muitas vezes guardaram ecos, reverberações daquilo que pude escutar em encontros únicos. A organização de cada entrevista levou bastante tempo, nunca menos de um ano. Muitas personalidades notórias se mostram a princípio inacessíveis. É claro que há razões compreensíveis de privacidade, mas talvez também algo mais: sabem, com maior ou menor consciência, que é preciso preservar um mistério. Ninguém idealiza aquele que consegue localizar apenas abrindo a lista telefônica: essa domesticidade explícita desfaz qualquer encanto.

Chegar em muitos deles foi uma corrida de obstáculos e implicou driblar guarda-costas zelosos demais. Preferi sempre um contato pessoal às mediações habituais de agentes, representantes, editores, galeristas ou secretários. Algumas vezes foi possível, outras não. É diferente chegar a um cantor famoso através de seu representante ou por intermédio de um amigo de infância. A predisposição e a abertura para dizer coisas mais verdadeiras mudam radicalmente.

Como uma regra ética autoimposta, nunca cheguei em nenhum dos meus entrevistados a partir de seu analista. Em geral, um analista não fala sobre aqueles que atende e, se o faz, é na qualidade de caso clínico, alterando as variáveis que permitiriam identificá-lo. Talvez haja aqueles que, para satisfazer seu narcisismo, se vangloriam de sua clientela. Por ora, e pelas dúvidas, só fiquei sabendo que tal ou qual escritor ou artista fez análise se eles mesmos o disseram. Ou se alguém que não seja seu analista o comentou comigo.

Nesse sentido, este livro não poderia existir sem uma intrincada rede de amigos e colaboradores de vários países que fizeram as vezes de informantes ou que me ofereceram contatos pessoais sem os quais a série de entrevistas teria se tornado inviável. Se eu tivesse querido fazer um livro de conversas com agentes secretos, confrades maçons ou amantes de alguma prática perversa, teria me deparado com uma dificuldade similar. Não é nenhum segredo que Woody Allen, Nanni Moretti ou Emmanuel Carrère se analisaram, pois eles mesmos se encarregaram de mostrá-lo em seus trabalhos. Mas, em geral, a análise, ainda que já não seja uma prática vergonhosa como pode ter sido em algum momento, não é uma atividade que se declare publicamente. E não tem por que sê-lo. Caberia desconfiar de quem alardeia em público uma coisa feita num espaço que ganha força justamente graças à sua intimidade.

A simples menção do meu ofício de psicanalista despertava as reações mais diferentes possíveis. Alguns aceitaram a entrevista apenas por isso, outras a rejeitaram apenas por isso. Quando eu conseguia ultrapassar a barreira dos cérberos que tive de enfrentar mais de uma vez, quando pude chegar a quem eu queria, sem que meu pedido fosse filtrado no caminho, como se viesse de um fã obcecado por seu ídolo, ou de um terrorista ou de um jornalista da imprensa sensacionalista, encontrei muitas vezes uma simplicidade e uma abertura que não costumam se manifestar em pessoas com menos credenciais.

No começo me surpreendeu que alguns entrevistados estivessem interessados em conversar. E, ainda que depois de alguns encontros eu me entediasse ao me escutar respondendo a eles, o dispositivo de entrevistas foi aos poucos sendo polido, chegando a ser às vezes – nem sempre, claro – quase uma verdadeira sessão de análise, potente e única. Nesse sentido, o enquadre que se construía com cada entrevistado era propício para que acontecessem lapsos, atos falhos, ocorrências inesperadas, achados, chistes, toda a gama de fenômenos que indicam aos analistas que estamos diante da incandescente experiência do inconsciente. Às vezes se tratava do meu inconsciente, e não há maior desconforto do que começar uma entrevista com uma mancada, dizendo uma coisa no lugar de outra, cometendo um lapso que jogava por água abaixo minha minuciosa preparação para o encontro. Outras vezes, o ato falho aparecia no entrevistado, com efeitos surpreendentes. Alguma vez até quiseram me pagar pelas consequências de uma intervenção afortunada da minha parte. Tenho a sensação de que com muitos dos entrevistados conseguimos um verdadeiro encontro.

O objetivo deste livro não é falar da obra daqueles que entrevistei, sobre a qual já se escreveu bastante. Também não é

replicar o que já disseram, nem indagar suas vidas privadas para acalmar a avidez de um público aficionado por bastidores íntimos das celebridades. Tão longe, portanto, da repetição quanto da curiosidade mórbida que uma situação intrigante como a analítica promete, que sentido tem aqui recolher suas vozes? Tantos sentidos quanto o leitor quiser lhes atribuir. Mas existe, desde já, um sentido central, que o entrevistador confere a estes testemunhos que atravessam oceanos, línguas e disciplinas, e que não deixa de ser uma nova versão do que aconteceu no início da psicanálise.

Naquele momento, se algo como o dispositivo analítico veio à luz foi pela verdade que surgia da boca de algumas pacientes tão originárias como originais, tais como Anna O., Elizabeth von R., Emmy von N. ou Dora. Mas não só pela verdade encadeada a seus sintomas, que ao se fazerem ouvir provocavam a explosão dessas manifestações que as amarravam às suas neuroses. Não só por isso, mas também pelo roteiro invertido que Freud soube aproveitar como ninguém, seguindo as instruções que suas pacientes davam nas entrelinhas.

Como quando uma delas lhe disse, já farta da imposição sugestiva de mãos em sua testa: “Chega, me deixe falar”. Como quando outra disse a um amigo que para aquela cura o que cabia era falar, que aquilo, mais que um método catártico, era uma *talking cure*, uma cura pela fala. Assim, o método analítico foi construído com a ajuda dos que se submeteram a ele. Não houve uma única inovação metodológica da psicanálise que não tenha surgido de uma indicação que veio à tona de passagem, como pistas ao clínico disposto a recolhê-las. Assim também, cabe conjecturar, os avanços teóricos responderam a encruzilhadas clínicas, à resistência dos pacientes em se curar, ao seu empenho em fazer ouvir algo mais que o preconceito teórico do momento. A psicanálise foi uma obra colaborativa, sempre.

Um arquiteto importante que tem dois analistas ao mesmo tempo e que jura que a psicanálise acabou com sua família, mas que, ao mesmo tempo, lhe deu um grau de liberdade que nunca tivera antes. Um casal de escritores famosos e a discussão de quanto ter se analisado mudou um deles ou não. Outro escritor notável para quem sua análise, à qual comparece de bicicleta duas vezes por semana há trinta anos, é a melhor conversa que travou em sua vida. Uma semióloga francesa acusada de ser a espiã que veio do frio e que, graças ao milagre do champanhe, decide junto ao seu marido me incluir em sua cumplicidade. Um dos compositores e cantores populares mais famosos aparece sonhando a psicanálise antes de saber de sua existência, e outro trovador errante encontra, escutando-se enquanto fala comigo, o nome de um álbum futuro. Um filósofo esloveno que se analisou muito antes de se candidatar à presidência de seu país conversa comigo num café cercado da *intelligentsia* local; e outro que me esperará em Paris não sem antes me mandar dizer que confia que os psicanalistas se envolvam mais na disputa pública, que façam ouvir sua voz. Uma artista que questiona de dentro o sistema institucional da arte, com ferramentas analíticas e além de outras, como filmar a si mesma fazendo sexo com um colecionador e vendendo as cópias depois. Outro artista cujas obras mostram o vazio e valem milhões...

Revisito as entrevistas e encontro dezenas de micro-histórias, padecimentos e descobertas de homens e mulheres que ganharam por mérito próprio um lugar na história da nossa cultura, a vanguarda da espécie. Cada um aparece de forma íntima, deixando cair suas roupagens, mostrando por trás da couraça de persona pública um lugar em que qualquer um de nós pode se reconhecer. Aquele ponto em que não há fama que valha para lidar com os esforços impostos pela vida, aquele momento em que – como diz um deles numa canção – “de perto, ninguém é normal”.

Os verdadeiros encontros têm um aspecto aleatório: podem acontecer ou não e, mesmo quando duas pessoas se encontram fisicamente, não é garantido que aconteça algo digno de lembrança. Mas os encontros presenciais têm um encanto particular, uma aura. Como o próprio encontro psicanalítico. Por isso preferi resistir à tentação do Skype e do FaceTime, dos e-mails e do WhatsApp, para me encontrar ao vivo com os entrevistados, ainda que isso implicasse viajar quinze mil quilômetros só para conversar durante uma hora. Há alguma exceção pontual, mas o formato das entrevistas tentou, na maioria dos casos, preservar a dimensão desse encontro encarnado, resgatar a reserva de presença que a psicanálise implica e que às vezes parece estar na contramão da contemporaneidade.

A viagem foi mais que um obstáculo a ser vencido para chegar em cada entrevistado, convertendo-se no próprio fio em que as entrevistas se encadeiam como contas num colar. A sabedoria particular entranhada no ato de viajar – tão diferente do mero deslocamento ou do gesto irritante do turista – é parte nodular da vida dos entrevistados, e inclusive tema recorrente em suas obras. Assim, este livro pode ser lido também como uma bitácula de viagem. Se fugi, em geral, do registro fotográfico, guardo em compensação as gravações das conversas e, quando as escuto, percebo o poder evocativo das vozes encapsuladas, uma prova de não ter inventado o que escrevo, mas também um testemunho de uma prática – a analítica – que prescinde em grande medida do “olhar” para enaltecer a “escuta”. Como dizia D. H. Lawrence: “*Ears go deeper than eyes can see*”.<sup>1</sup>

.....

1. “Os ouvidos vão mais fundo do que os olhos podem ver.”

Em alguns momentos percebi uma rede secreta de conexões entre meus entrevistados, uma trama iridescente que noto em cada lugar a que chego. As entrevistas desenham uma teia em que a psicanálise se entrelaça com a comunidade inconfessável dos meus personagens. Olho seus nomes como se pertencessem a células rebeldes, um complô em que cada um interage com os outros de forma fugaz, como por acidente, ainda que todos unidos por uma inteligência maior. Talvez se trate de um viés na escolha das pessoas que convoquei, parte de um universo pessoal. Por momentos me sinto uma presa paranoica numa confabulação de velhos analisandos que ficam à espreita aqui e ali.

Talvez a lista de entrevistados deste livro seja na verdade a cartografia de uma nação invisível, ainda que soberana, sempre à beira do desaparecimento. Meu registro, em consequência, é um cômputo de sobreviventes. Funciono como um antropólogo que resgata experiências, com a intenção explícita de assentá-las antes que se diluam, mas com o secreto afã, ao registrá-las, de contribuir para salvá-las também.

Por que aceitaram me receber quando sei que rejeitam muito mais pedidos do que aceitam? Não é por uma razão publicitária, pois nenhum dos meus entrevistados precisa de mim nem do meu precário projeto para isso. Em vez disso intuo que seja um modo de se conhecerem entre si, como se a lista completa desse barco permanecesse ignorada para todos os passageiros que não conhecem mais que seu vizinho de camarote. Graças a mim, têm um modo de saber também dos outros. Encontram-se com os outros através de mim, como se eu mesmo fosse um médium, inclusive em seu sentido mais prosaico, pois também permito que se conectem com aqueles passageiros que, ainda que façam parte da mesma expedição, já morreram.

Os encontros não são casuais, mas premeditados: eu mesmo escolho cada um dos entrevistados. E, percebo agora,

os escolhi por serem todos praticantes de uma experiência que acontece à beira de um precipício, onde se permitir atravessá-lo implica o risco de tropeçar e cair. É o perigo o que converte a literatura, o cinema, a arte, a psicanálise, em experiências irmãs que me cativam. Todas elas são, como queria Michel Leiris para a primeira, formas da tauromaquia.

Mariano Horenstein

# Conversa Infinita



## Marina Abramović

### A mulher que chora quando está triste

Mesmo sem ter uma particular relação com a psicanálise, a obra desta artista de origem sérvia e alcance global encarna uma interrogação em direção ao mundo da arte e da cultura. Como muitas mulheres ocidentais, urbanas e cultas, também teve alguma experiência psicoterapêutica. Conversamos sobre isso e muitas outras coisas em seu ateliê espaçoso em Nova York, com o burburinho ao fundo dos assistentes que a cercam o tempo inteiro.

Marina me recebe de pijama e pulôver vermelho, descalça e com as unhas sem pintar, maquiada e com os cabelos tingidos de um preto absoluto. Enquanto falamos diante de uma grande janela que dá para a rua, num espaço com livros e nada de arte nas paredes, ela me mostra fotos em seu telefone, em seu computador, em livros. Ilustra a conversa com imagens de si mesma encarnada em Maria Callas, protagonizando Carmen ou convertida em estrela de rock num auditório lotado em Belgrado.

Por momentos, a entrevista parece uma espécie de recriação de *O artista está presente*, sua mítica *performance* no MoMA. Ao ver uma poltrona com apoio para os pés, típica de analista, proponho tirar uma foto dela ali, ocupando esse lugar transferencial para muitos. Mas ela prefere outro lugar mais discreto, diante de um aquecedor que simula uma lareira. Pede

para ver a fotografia e me faz apagá-la, pois aparece com os olhos fechados. Marina posa como uma estátua grega, traz os cabelos para frente, pede que não fotografe suas pernas. Dona de si, controla sua imagem. Em seguida diz para tirarmos uma foto juntos, uma selfie. E se despede de mim amorosamente.

Minutos depois, tive que voltar. Turvado por sua presença inquietante, tinha esquecido meu gravador.

**MH** Mariano Horenstein

**MA** Marina Abramović

∞

**MH** – Não sei se você já teve alguma experiência com a psicanálise...

**MA** – Só uma vez. Tive uma experiência única e muito ruim. Estava no meio de um divórcio e numa relação com um homem. Tudo estava dando errado, então decidimos fazer psicanálise. Fomos durante um ano e a psicanalista ficou do lado dele o tempo todo. Assim que saíamos de lá, eu chorava. Eu me sentia infeliz e ela me dava, cada vez que eu ia, uma receita nova de algo que devia tomar. Só algumas gotas, para eu me acalmar. Antidepressivos. Nunca fui à farmácia para comprá-los, porque pertenco à cultura eslava: quando estamos tristes, choramos. Quando estamos felizes, rimos. Por isso nunca tomei nada que ela me receitou, e me dedicava a chorar. Essa psiquiatra partiu meu coração. Foi muito difícil para mim. De certo modo, sentia que ela não estava do meu lado, que estava do lado dele, sabe? Não funcionou.

Atualmente estou fazendo um vídeo para a obra *As sete mortes de Maria Callas*, em que ela, efetivamente, morre por um coração partido. Eu quase morro pela mesma razão, por

amor, mas não morri. Para mim, a terapia é meu trabalho. Eu me sinto bem agora.

MH – Você teve experiências melhores com xamãs do que com psicanalistas, não é? Você trabalhou com um xamã brasileiro.

MA – Também fiz um retiro com monges tibetanos e vivi com aborígenes do centro da Austrália, durante um ano inteiro, com duas tribos diferentes. Me relacionei com essas culturas, que não são ocidentais, e aprendi muito. Aprendi como podemos dirigir nossa mente para o interior do corpo, não só de maneira física, embora fisicamente também. Esse foi um grande aprendizado, sabe? A gente aprende todas essas coisas trabalhando com o corpo. É necessário. O habitual é que você faça um quadro, tenha um prego, ponha na parede, pendure esses quadros e o trabalho esteja feito. Para mim, EU sou o trabalho. Essa é a minha melhor psicanálise. E, de um ponto de vista psicanalítico, é muito interessante. Entre meus trabalhos está a peça de Bob Wilson *Vida e morte de Marina Abramović*, na qual interpretei o papel de mim mesma e o da minha mãe. Uma amiga psicanalista me disse: “O que você faz em arte é a melhor psicanálise que você poderia imaginar. Nada é melhor que isso.”

MH – Concordo. Entretanto, há algumas pessoas que pensam a psicanálise como uma *performance* de dois corpos. O que você acha disso?

MA – Definitivamente, em minhas *performances* há duas pessoas, mas não estão as duas atuando. Há um lado superior de você mesmo que está metido na *performance*, não inferior, porque você tem que se transformar diante do público: passar

de ser você, a pobre pequena Marina, a ser a Marina superior. E isso é possível porque você usa a energia do público, mas não tem essa energia em casa, em privado. Quando está diante dos espectadores, essa mesma energia está ao seu alcance. Você pode fazer coisas que seriam impossíveis na vida privada. E essa é a segunda pessoa. Mas há mais que dois, ah, muito mais que dois.

MH – Primeiro você começou com a pintura e depois, de certo modo, descobriu a *performance*. Por que escolheu essa linguagem?

MA – Tudo acontece por alguma razão, sabe? Eu transitei por diferentes fases na minha pintura e uma delas, antes de largá-la, foi a de pintar nuvens. Era lindo observá-las. Eu queria expressar que estavam vindo, as nuvens brancas e calmas. Estavam esquentando o corpo, os buracos negros, as sombras e projeções de nuvens. E, num dado momento, quando eu estava jogada no campo olhando o céu, as nuvens desapareceram, mas eu vi aqueles aviões militares fazendo desenhos lindos... E, para mim, essa foi uma experiência espiritual. Disse a mim mesma: “Para que ir ao ateliê e usar os materiais do ateliê se posso usar qualquer coisa?” Os aviões, com os rastros que deixavam ao passar, *pintavam* desenhos nos céus, com infinitas possibilidades, e isso era quase como uma lufada de ar fresco, de esperança. Fui ao quartel militar e perguntei se podiam deixar comigo um avião para pintar, e então chamaram meu pai e disseram a ele: “Sua filha está louca. Não sabe quanto custa um avião. Leve-a para casa.” Desde então, comecei a trabalhar com diferentes materiais não bidimensionais. O corpo se converteu no centro do meu trabalho. Há tantas maneiras, tão naturais, de viajar... Agora, cinquenta anos mais tarde, continuo fazendo as mesmas coisas.

Um antigo professor me disse: “Na vida, você tem sorte se chega a ter uma única boa ideia. E se você é um gênio, também.” Eu tive sorte com uma ideia e, por isso, tive sorte comigo mesma.

MH – E qual foi essa ideia?

MA – O corpo. Se você pensar, usamos 20% do nosso cérebro. Só 20%. Não sabemos nada do que acontece ali. Nenhum computador é capaz de representar o cérebro humano. É uma busca eterna, uma experimentação sem fim. Há muitas coisas a fazer e nunca tempo suficiente.

MH – Tenho uma pergunta meio besta: o que é o corpo para você?

MA – O corpo é uma carapaça onde você põe a sua alma. É uma carapaça que envelhece e expira, mas a energia e a alma nunca expiram. Limitam-se a passar a outro corpo. É uma caixa pequena, nada mais que uma caixa.

MH – Marina, você costumava se expressar através de seus desenhos e quadros, mas também se comunica muito bem com as palavras. Acha que há algo que só se pode contar pela *performance*? Algo que não pode ser expresso em palavras?

MA – A energia. Os *performers* têm uma energia muito concreta. Usam o corpo inteiro para criar um laço de energia com o público. E, se você é um bom *performer*, vive uma experiência que muda a sua vida. Não só trabalha para o público, mas também para si mesmo. Essa é a magia dos *performers*, pois, quando você vê uma pintura, ela está na parede. Não está viva. A interpretação é uma forma de arte que está viva. E precisa-